

# AVID

POR

*Gaspar Guimarães*

(Da "Academia Amazonense de Letras")



IMPrensa PUBLICA  
Manáos - Amazonas - Brasil

1929

Am  
1456

EXEMPLAR N.º 0151

*Esta primeira edição é de mil e quinhentos exemplares, todos numerados de 1 a 1.500 e rubricados por mim com a presente rubrica, de que faço uso,*



IMPRESSA NUBRICA  
Machado e Sousa - Rio de Janeiro  
1905



**A** humanidade começa a recusar-se terminantemente a acceitar tudo aquillo que lhe é impôsto á consciencia, como se ella fôsse uma grande creança. A cultura contemporanea, com o desenvolvimento correlato das faculdades de percepção, repulsa os artigos imperativos da Fé. A revelação divina não mais se coaduna ao juizo do tempo. O homem, perdendo a ingenuidade primitiva, quer saber o “porquê” das cousas. E, se ainda não obteve a certeza, adquire dia a dia hypotheses mais sólidas, que adelgaçam a venda da sua ignorancia. De facto, a sciencia avança, a todo instante, cada vez mais longe, sem que possamos fazer idéa do que ainda o presente e o futuro nos reservam de maravilhoso. Entregando este livro á expectativa sympathica do benévolo e desconhecido leitor, sómente lhe pedimos para reflectir, após a sua leitura, que muita cousa que hoje parece natural e simples, éra tida ha bem pouco tempo como phantasia absurda.

Gaspar Guimarães





Exposición Nacional



## O INVISIVEL TORNA-SE PALPÁVEL

1.—As células vitas obedecem á lei da vibração universal, da qual resultam os phenomenos de aggragação e desaggragação e, ainda como consequencia, os movimentos de oscillação, rotaçção, revoluçção e outros.

M. A. Muller disse na "Revue Scientifique", de Paris, de março de 1901, que "cada mollécula de materia physica éra um systema solar em miniatura".

Outrosim, da mesma fórma que, da massa central das nebulosas, são projectados annéis que vão formar os systemas solares, — identico movimento vibratorio faz destacar-se da célula-ovo uma nova célula; logo após, as duas transfórmam-se em quatro; estas passam a ser oito, e assim por deante, até formarem uma excrecencia que se enruga, estórce, encólhe e estica, deixando vêr os côtos dos membros futuros.

A lei da analogia preside os tres reinos da natureza, havendo em qualquer delles uma vida mollécula e sendo cada célula uma existencia,—parte integrante da Vida Una, que é o conjuncto de molléculas vivas e conscientes que constituem o Universo, tal como o revéla uma réstea de sol que, coada, através de um espaço fracamente illuminado, deixa vêr as poeiras esparsas no ar, as quaes, entretanto, seriam invisiveis sem ella. Assim é todo o Universo.

De facto, embóra formando um conjuncto aparentemente denso, as molléculas de um côrpo, gyram vertiginosamente em tórno dos respectivos nucleos, guardando distancia entre si, na proporçção das suas dimensões, como os astros no espaço.

Toda célula vital encérra, num envólucro, uma substancia liquida, vibrátil, em que a mesma, por si propria, se nutré, desenvólve e multiplica.

Cellulas  
vitaes

A materia renóva-se incessantemente,—uma célula tomando o lugar da anterior.

Toda célula tem vida á parte, independente das outras.

Isto póde ser observado, por intermedio do microscopio, nos glóbulos do sangue e nas gôtas de agua,—verdadeiros mundos habitados por milhões de células vivas e conscientes da sua funcção.

Graças a esse maravilhoso instrumento, o qual torna visiveis objectos de um millésimo de millimetro, a anatomia não mais tem segrêdos, revelando a configuração e determinando a funcção especifica de cada célula vital.

Cellulas do  
sangue

2.—Assim, as células do sangue armazenam os combustiveis destinados a produzir força motriz, chimica e calórica (glóbulos vermelhos), ou defendem a fortaleza do organismo (glóbulos brancos ou phagocytos), devorando os elementos intrusos ou parasitarios.

Cellulas  
nervosas

3.—As células nervosas constituem uma rêde telegraphica, encarregada de receber e transmittir a sensibilidade e de accionar os movimentos, através do corpo. Apresentam o aspecto de pilhas, com cylindros-eixos e isoladores. Agem por meio de descargas, como baterias. A sua substancia gelatinosa dá-lhes a faculdade de dilatar-se e de contrahir-se, movendo-se em sentido lateral e mudando, até certo ponto, de lugar, afim de obstar ou deter a corrente pela qual as sensações são recebidas ou transmittidas ao cérebro e a vontade communicada aos músculos.

Cellulas dos  
músculos

4.—As células dos músculos possuem uma forma alongada e queimam hydratos de carbono, substancias análogas ao assucar e muito proximas do carvão, cuja combustão determina o movimento.

Outras  
cellulas

5.—Outras células existem com fórmãs e aptidões peculiares: umas são fabricantes das cartilagens e dos ossos, outras distillam succos.

O mesmo aggregado de células existe nos vegetaes e nos mineraes.

6.—A prova de que os vegetaes séguem o mesmo regimen molléular da vida animal é a sua evolução evidente, na ordem dos sêres animados.

Cellulas  
vegetaes

Uns executam movimentos como o heliotropio ou gyrasol; outros, como a drósera e a dionéa, nutrem-se da carne de insectos, sendo dotados, para isso, de células proprias para apprehendel-os, com succos gastricos destinados a dissolver os alimentos. Todos possuem órgãos sexuaes; respiram, absorvendo oxygenio e expellindo ácido carbonico; reágem contra os excitantes; dórmem.

7.—Os mineraes, por seu turno, crescem; necessitam de repouso temporario, e mórrem.

A vida dos  
mineraes

8.—As pérolas definham quando desusadas por longo tempo, recuperando o vigor ao contacto com a pelle humana.

As perolas

9.—As observações microscópicas verificaram a scintelha da vida nos crystaes, deparando em minusculas parcelas um licor "mater", onde os mesmos se alimentam e desenvolvem, reparando as feridas, substituindo os tecidos.

Os crystaes

10.—Os mineiros não ignóram que as minas exgotadas se tórnham productivas após alguns annos de completo abandono, principalmente as de ferro e hematite, cobre, prata e ouro e as jazidas diamantiferas, assegurando elles que o minéreo "cresce" com o repouso.

As minas

11.—A renovação da capacidade muscular e nervosa dos simples objectos de metal é um facto irrecusavel.

Os objectos  
de metal

12.—Os mechanicos dizem que as machinas de costura, submettidas a utilização excessiva, móstram fadiga.

As machinas  
de costura

13.—O mesmó se nóta com as navalhas de barba, que se recusam a operar, se lhes não dão descanso.

As navalhaa  
de barba

- Os fios electricos** 14.—Os fios electricos resistem á corrente quando muito trabalhados, offerecendo melhor conductibilidade depois de duas ou tres semanas de repouso.
- Os trilhos de estradas de ferro** 15.—Finalmente, os trilhos de estradas de ferro, ao chegarem a demasiado velhos, esborôam-se subitamente, em vez de continuarem a gastar-se até o fim.
- Os metaes em geral** 16.—E' que tambem os metaes, como parte da Vida Una, têm existencia mollécula, pois soffrem a fadiga e as enfermidades, são sensiveis, e mórrem por sua vez.
- O systema nervoso dos tres reinos** 17.—Tanto os vegetaes como os mineraes possúem um systema nervoso, constituido por um aparelho, ou rêde, muito semelhante ao dos animaes e do homem.
- A vida mollécula dos tres reinos** 18.—Humano, animal, vegetal ou mineral, cada sêr é um aggregado de molléculas independentes entre si, vivas e conscientes, gyrando em tórno dos respectivos nucleos, á maneira de astros, e formadas da mesma essencia primordial, consciente da sua função, de que tudo está impregnado, e que enche os espaços infinitos, della emanando todas as fôrças e todas as fórmãs.
- Do mesmo modo, as particulas de que se compõem o homem, o animal, a arvore e o metal, submettidas ao calor maximo, até agora obtido, de tres mil e duzentos grãos centigrados, de um fôrno electrico, ficam unifórmente reduzidas á mesma substancia primordial e una.
- A vida mollécula preside a tudo que existe no Universo. Não ha córpos sólidos, nem liquidos, nem gazosos; mas, sómente aggregados de molléculas, cuja attracção reciproca, em razão da sua estupenda velocidade, é mais forte do que as influencias exteriores, e dahi a sua cohesão.
- Os estados da materia são uma illusão** 19.—Os estados da materia não são mais do que uma illusão dos nossos sentidos defeituosos, consequencia da nossa percepção deficiente.
- Cada uma das molléculas da materia, qualquer que seja o seu estado,—sólido, liquido ou gazoso—, é um sêr separado dos demais que fórmam o todo individual,—humano, animal, vegetal, mineral, planeta, sol ou syste-

ma solar—, encerrando em si turbilhões de materia super-gazosa, a que a sciencia official dá o nome genérico de—*ether*—, de que se constituem, na essencia, as células vitaes, hoje decompostas em células mais subtis (“electrons”), gyrando á razão de trezentos mil kilometros por segundo,—a velocidade da luz—, em tórno de turbilhões centraes (“ions”), que se suppõem tambem divisiveis em outros turbilhões mais subtis, sujeitos ás mesmas leis e com funcções ainda mais apuradas.

Numa palavra, se pudéssemos, com os nossos sentidos restrictos, perceber o infinitamente pequeno, descortinaríamos, em vez dos corpos em estado sólido, liquido ou gazoso, o mesmo aggregado de molléculas infinitesimaes, formando uma especie de poeira luminosa e cujas differenças, entre si, seriam apenas as respectivas velocidades.

A apparencia gazosa, liquida ou sólida dos corpos, consequentemente, é uma questão de percepção mais ou menos poderosa, por parte do observador, sendo, ao mesmo tempo, um effeito da velocidade propria.

Se não vemos as molléculas dos corpos solidos, tambem não vemos os vapores que exalam, nem as radiações que emittem, já não sendo méra hypothese, para a sciencia official, a sua “oscillação em tórno de uma posição média”.

Para melhor prova do que affirmamos, estudemos o estado liquido, que é o meio termo entre o estado sólido e o estado gazoso.

Com effeito, a gôta de agua, que é um corpo liquido, dissoluvel por um pequeno sôpro, é um corpo elastico, segundo observou o sabio Einstein, para uma formiga, que não n’a pôde espedaçar, nem atravessar. A gôta de agua, portanto, é um corpo sólido, uma especie de bóla de borracha, para as fôrças e o potencial de visão desse minusculo insecto.

Quem poderá contestar, deante disso, que para uma visão superior á nossa, cujos sentidos sejam muito mais apurados que os nossos, o corpo humano, animal, vegetal ou mineral,—a propria pedra dura—, não seja assim como um enxame de abelhas, em continuo movimento?

A gôta de agua, que se apresenta como um corpo sólido, impenetravel, para a pequenina formiga, não é

verdadeiramente um universo de infusorios, ou vidas, quando vista pelo homem com o auxilio da poderosa lente de um microscópio ?

Ao contrario disso, um filête de agua, de alguns centímetros de espessura, projectado de um tubo collocado a quinhentos metros de altura, não pôde ser atravessado por um terçado manejado pelo mais possante hercules de feira.

E se dêrmos celeridade bastante a uma columna de agua, ella não poderá ser perfurada por uma bala de canhão. A sua substancia liquida parecerá rija como a de uma couraça de aço temperado.

Por outro lado, a gôta de agua, arremessada ao ar, dissólve-se immediatamente, dando isso ensejo á libertação dos elementos de que se compõe : o oxygenio e o hydrogenio que, separados, vóltam ao estado gazoso.

**Desdobra-  
mento das cel-  
lulas vitaes**

20.—O regimen molléculas da Vida obedece ás duas leis seguintes :

a) Cada mollécula, célula, ou vida, desdobra-se em outras células de natureza mais subtil, com funções egualmente mais apuradas, e estas, por consequencia, em outras, e assim por deante.

b) Cada mollécula, célula, ou vida, tem o seu envólucro que, dissolvendo-se, occasiona a libertação dos seus elementos pertencentes a um estado mais subtil, ao qual passam exclusivamente a pertencer.

Meditando-se sobre estes dous postulados, chêga-se á conclusão da possibilidade de uma sobrevivencia consciente das células mais subtis do corpo, depois da morte deste, passando ellas a pertencer, por seu turno, a um outro estado da natureza, egualmente mais subtil, ethéreo ou fluídico.

Como contestar que as molléculas do éther, que existem em todo corpo physico, evolvendo-se deste após a sua desagregação, vóltam ao éther ?

Em summa, aqui deixamos a thèse para a comprehensão dos estudiosos. Embóra transcendente, assenta no comprovavel.

Não fazemos, de modo algum, litteratura. O que expendemos resulta de observações, feitas por profissionais authenticos, nos dominios da biologia.

21.—O éther, ou quarto estado da materia, já não é uma simples hypóthese.

O ether, quarto estado da materia

A sua existencia real foi deduzida do comportamento da electricidade no vácuo artificial, tendo-se verificado uma differença consideravel, nas ondas produzidas no mesmo, em relação ás do ar, e entre si, confórme a pressão obtida. Essa differença diz respeito não só á rapidez das vibrações como á extensão destas e até mesmo quanto ás proprias fórmas, ou ondulações, havendo, entre as molléculas do éther e as do ar, a mesma differença que existe entre a força da electricidade e a do vapor.

Em summa, no vácuo, se não existe o ar (uma vez que foi todo extraído), deve existir outra cousa mais subtil, onde a corrente electrica, actuando, produz a luz.

Essa cousa mais subtil do que o ar e que constitue virtualmente um estado superior, ou quarto estado da materia, reconheceu-se ser o éther, onde os gazes, libertando-se da pressão, ascendem ao estado immediatamente superior e tórnam-se radiantes.

22.—Os "electrons", igualmente, não mais são uma hypóthese, devido precisamente á producção do vácuo, artificial, ou antes, á sua producção pelo vácuo, tendo o doutor W. P. Coolidge, dos Estados Unidos da America, conseguido emittir-os mediante uma tensão extrema de novecentos mil "volts", obtida pela reunião de tres empolas numa unica lampada. A velocidade attingida foi de duzentos e sessenta mil kilometros por segundo na experiencia, de que temos noticia, de 5 de março de 1928.

Os "electrons"

23.—O som é a vibração das ondas do ar, e a luz é a vibração das ondas do éther, e essa é a lei essencial da natureza. A grande lei das vibrações é a base de toda a vida. É a lei universal.

As vibrações do ar e do ether:—O som e a luz

24.—O conhecimento pratico do éther, desvendando o segredo dos estados superiores da materia, ou materia radiante, abriu novos horizontes á sciencia.

A materia radiante

Com effeito, hoje ninguem mais ignora que a cada vibração das ondas sonóras do ar, corresponde uma vibração identica das ondas luminosas do éther, haven-

do, em a natureza, uma verdadeira cadeia ininterrupta de élos, cujo conhecimento dá a chave da Vida.

A cada vibração, corresponde um som, uma figura geometrica e uma côr, de modo que a gamma musical são absolutamente correlatas a escala prismatica e as correspondentes figuras geometricas ou fórmãs, tudo obedecendo ao mesmo regimen septenario.

Taes fórmãs são análogas umas ás outras e projectadas no espaço, em ondulações obedientes ás leis da gravidade, que régem o Universo inteiro.

**Raios  
de Roentgen.  
Ondas de  
Hertz**

25.—A descoberta dos raios de Roentgen foi o primeiro grande passo da sciencia, que concorreu desde logo para desvendar o mysterio da estrutura da materia, demonstrando a permeabilidade dos corpos mais densos. Sobreviéram, quasi ao mesmo tempo, as ondas de Hertz, provando a existencia de “qualquer cousa” que enche os espaços infinitos e produz energia.

**1896.—Fim de  
Kali-Yuga**

26.—Aconteceu isto no anno da graça de 1896, que assignála o termo do cyclo de cinco mil annos, que os hindús denominam Kali-Yuga, remontando o seu inicio ao 31.º século A. C., em que se effectuou, num pequeno espaço do firmamento, a conjuncção de Mercurio, Marte, Jupiter e Saturno, seguida, quinze dias depois, de um eclipse da Lua.

**As invenções.  
—O “radium”  
e as suas  
propriedades  
paradoxaes**

27.—As invenções concomitantes, como sejam: o telegrapho sem fio; a liquefacção do ar; a locomotiva electrica; a phosphorescencia sem o phosshoro, transmittida aos corpos por electricidade; os raios Béta, ou substancias radio-activas que attrahem e repellem alternadamente certos objectos, imprimindo-lhes um movimento de pendulo; os raios ultra-violeta e varios outros intermediarios do espectro solar, tiveram a sua culminancia, no anno de 1898, com a descoberta do “radium”, que veio fornecer a maior prova experimental dessa energia que enche os espaços infinitos e cujas vagas transmitem a vida, isto é, calor, electricidade e luz, por todo o Universo.

Por esse novo elemento, que é um verdadeiro comprimido de energia, averiguou-se a existencia da pro-

curada substancia, que delle se desdobra, da composição do Sol, a que, por isso mesmo, se deu o nome de "helium".

O "radium", substancia revolucionaria, emite luz, calor e força, por si mesmo.

Por elle, foram verificadas duas verdades ao mesmo tempo: 1.º que luz e calor são cousas independentes uma da outra; 2.º que pôde existir uma chamma fria.

Nas "Estancias" de Dzyan, antiquissimo poema, lê-se que a luz é uma "chamma fria", mas, a verdade é que, até a descoberta desse mineral, a physica dos sabios do occidente achava isso um perfeito disparate.

A sua luz é verde-clara e fria; o seu calor, sem combustão; e a sua força revêla-se por um poder de penetração que veio confirmar uma aptidão nova, a da *interpenetração*, phenomeno pelo qual elle transmite luz, força e calor, por assim dizer, por impregnação, ás substancias submettidas á sua acção, as quaes tambem se tórnham productoras de força e calor, ficando, egualmente, phosphorescentes.

Segundo o professor Bach, de Berlim, é necessario um milhão de annos para que esse mineral perca as suas propriedades paradoxaes e unicas.

Não obstante, uma gramma delle irradia e, portanto, perde particulas de luz, força e calor, á razão de cem mil "milhares de milhões" por segundo, o que patentêa no quanto de infinitamente pequeno se pôde desdobrar a materia, pois que tal desagregação, antes de tudo, é invisivel á nossa percepção ainda mesmo depois de annos de observação.

Para avaliar-se, todavia, da velocidade e da energia dessas particulas que se desprendem do "radium", basta dizer que ellas atravessam uma grossa peça de ferro, de um metro de espessura, com a rapidez do relampago.

Alguns kilogrammas de "radium" seriam sufficientes para levar a combustão a tudo que estivesse em redor, podendo fazer incendiar cidades e saltar esquadras com uma simples scintilla.

Mas, para obtel-os, a esses kilogrammas, seria preciso achar primeiro umas tantas toneladas de "pechblende", ou de residuos de "uranium", mineraes que não são

abundantes, o que causa a elevação do preço de uma gramma de "radium" a sessenta mil dólares.

**O "helium"**

28.—E' precisamente o effluvio luminoso que o "radium" projecta ephemeramente que se transfórma no "helium".

De facto, os innumeraveis "electrons" que se dissociam do corpo principal, fórmam uma luminosidade que, ao desaparecer, se converte nesse super-gaz, ultra-subtil.

**O "thorium".  
—O "argon"**

29.—Do "radium" é affim o "thorium", cuja emanção luminosa se metamorphosêa, tambem ao desaparecer, em outro super-gaz, o "argon".

O "radium" e o "thorium", com os seus super-gazes, são, de certo, dous elementos poderosos com que o genio do homem se armou para a descoberta dos arcanos da natureza.

A pósse, por este, do quarto estado da materia, transformou em realidade aquillo que éra considerado méra hypóthese: o éther ou materia radiante, a que o professor Baskerville, da American Society, já accrescentou um outro estado immediatamente superior,—o do éther congelado.

**O desenvolvi-  
mento das  
faculdades do  
homem**

30.—E, ao passo que se vae tornando em sciencia positiva o que, ha pouco tempo, éra bruxêdo,—as faculdades do homem apresentam igual desenvolvimento, no terreno da clarividencia, da psychometria, da telepathia e, sobretudo, do novo aspecto da sciencia biologica, como seja o phenomeno chamado—ECTOPLASMA—, ou desdobramento do "medium" (de "*ektos*", fóra, e *plasma*, producção biologica), que os espiritas affirmam ser a materialização de um espirito, que se utiliza do "medium" como instrumento.

**O "ecto-  
plasma"**

31.—O "ectoplasma" é constituido de vapores ou névoas que se destacam do côrpo do "medium", evoluindo lentamente ao longo deste em espiraes e tomando a fórma de mãos, semblantes e até figuras completas, sendo taes aparições, que já sahiram do terreno do sobrenatural para a da investigação scientifica, encaradas como manifestações de forças naturaes desconhecidas.

Encerrado o "medium" num compartimento de grades, amarrada e lacrada a respectiva porta, ou agarrado o mesmo pelos pulsos, desprende-se d'elle uma nuvem esbranquiçada que atravessa corpos sólidos, tomando fôrma humana, saudando os assistentes, ajoelhando, orando, apertando por vezes a mão aos circumstantes, fabricando flores de parafina e distribuindo-as por estes, e desaparecendo vagarosamente, á vista de dezenas de pessoas silenciosas.

32.—A moldagem da mão do phantasma em parafina fervendo, com cem grãos de calor, e a distribuição desses môdes pelo proprio phantasma entre a comparsa estupefacta, são factos publicos e notorios.

Moldagem da mão do ectoplasma em parafina

Entretanto, nenhum sêr humano vivente é capaz de introduzir impunemente a mão num liquido com tal temperatura, nem tambem de retirar o môde da mão sem o quebrar pelo punho.

33.—Inexplicavel pela physica é, outrossim, o transporte de objectos pelo ar sem tocá-los, fazendo-os passar através de parêdes sem orificios.

Transporte de objectos pelo ar

34.—O "ectoplasma" é uma massa flacida, dotada de fôrça extraordinaria capaz de arremessar ao chão, sem sentidos, a quem se abalançar a abraçá-la ou segurá-la.

A energia do ectoplasma

35.—As experiencias já são feitas á luz do dia ou da electricidade, dispensada a semi-obscuridade habitual.

Experiencias na claridade

36.—Assistem-n'as summidades nas sciencias, nas letras, nas artes, nas finanças e na politica, e são as mesmas fiscalizadas por medicos extranhos á doutrina espirita. A sua authenticidade é irrecusavel.

Authenticidade das experiencias

37.—Porventura, não serão taes phenomenos produzidos por "electrons" (cêllulas mais subtís em que se desdobram as cêllulas vitaes e que se desprendem do côrpo do "medium"), os quaes fôrman, fóra deste, os "ectoplasmas", aggregados de molléculas de um novo estado, ou fôrmas ethéreas, dotadas de movimentos, attitudes, pêsso e extraordinaria energia?

Apreciação dos phenomenos ectoplasmicos

Recentes trabalhos executados em Munich, Baviera, por dous scientists, obtiveram a photographia augmentada de correntes electricas emanadas do corpo humano.

As provas mostram faiscas sahindo das pontas dos dedos e mesmas faiscas maiores quando se abre e fecha a mão rapidamente, achando-se a pelle sêcca.

Simplees irradiações do corpo humano, todavia, os "ectoplasmas" não teriam fórmias outras senão as do "medium".

Que o ectoplasma é desaggregado do côrpo do "medium", não resta duvida; porquanto, este ultimo pèrde bastante pèso durante as experiencias e, por outro lado, as figuras são mais ou menos nitidas confôrme a aptidão do "medium" é maior ou menor.

Por seu turno, parece-nos que o sobrenatural está excluído do caso, desde que a perfeição, quer dos môl-des, quer das flores, em parafina, depende essencialmente do bom ou máo preparo desta substancia.

O invisível  
torna-se  
palpável

38.—O invisível vae-se tornando palpável. O progresso não pára, e o futuro ainda nos resêrva muitas outras surprêsas além das que, nestes trinta e tres annos, nos vem deslumbrando. Todavia, a comprehensão dos phenomenos que escapam á percepção ordinaria está destinada aos nossos dias; pois que já se sabe que tudo o que existe obedece ao mesmo regimen molléculiar actuado por vagas de energia, em movimentos ondulatorios, produzindo a eterna renovação das fôrças e das fórmias.

Outr'ora, desprovidas as massas humanas dos conhecimentos imprescindiveis, os depositarios da sabedoria instituiam o mysterio e impunham-n'ò á crença cêga das multidões.

A fé substituída  
pela sciencia

39.—Hoje, á chamma concentrada da Fé succêde a luz intensa e irradiante da Sciencia.

Senão a certeza,  
hypotheses mais solidas

40.—E o homem, se ainda não tem a certeza, fórmula hypótheses cada vez mais sólidas, que adelgaçam a venda da sua ignorancia.



## A FORMAÇÃO DOS MUNDOS

— 00 —

41.—Quereis ter a intuição do que póssa ser o infinito? O infinito

Imaginae tão sómente que a Via-Lactea, da qual fazem parte o Sol e o seu systema planetario, inclusive a nossa pequenina Terra, e que occupa um trêcho do firmamento visivel, contém milhões de milhões de estrellas scintillantes, cada uma dellas sendo um Sol como o nosso, ao redor do qual gravitam planetas com os respectivos satellites, talvez habitados por sêres pensantes ou talvez mundos em formação ou extinctos.

42.—Graças aos novos telescopios ultra-potentes, acaba de ser descoberto, pela photographia, mais de um milhão dessas esteiras de luz, chamadas nebulosas, que constituem, entretanto, apenas uma diminuta parcella do infinito. Formação das nebulosas

Essas massas de éther como todos os côrpos, ou melhor, como todas as fórmãs, não são mais do que o resultado de um desnivel, sem o qual não ha manifestação possivel da materia.

Assim, para comparação terra á terra, vejamos um blóco de gêlo, aparentemente inérte.

Colloque-se o mesmo em contacto com o ar liquido, cuja temperatura é de 180° abaixo de zêro.

Passando aquelle a ser um corpo muito quente, este entra logo em ebullição e o respectivo vapor póde pôr a funcionar motores capazes de produzir dynamos, com os quaes serão obtidas correntes electricas susceptíveis de fundir e volatilizar qualquer metal.

A formação dos mundos tambem se origina de um disequilibrio thêrmico entre os differentes estados do éther, produzindo as naturaes oscillações em busca de

um nível, e dahi as vagas de energia ou turbilhões ethéreos chamados—nebulosas—, que se geram no espaço incommensuravel.

Semelhantes viveiros de astros, na qualidade de células vivas e conscientes, obedecem á lei da aggragação e desaggragação, isto é, ao regimen molléculær universal.

A evolução das nebulosas poderá ser observada, comparando-se a de Orion, mais nova, com a da Ursa Maior, que é mais velha.

Aquella ainda é cahotica, sem fórma determinada, ao passo que, nesta, se apercebe a aggragação da massa brumosa, em successivas espiraes, em tórno de um nucleo central, futuro Sol—, gérmen, por sua vez, de um futuro systema solar.

As nebulosas compõem se de hydrogenio, “helium” e outro gaz ainda desconhecido, mas que se convencionou chamar—“nebulium”.

A agglomeração desses gazes, em determinado ponto, desenvolve pressões terriveis e temperaturas incriveis, o que dá nascimento a uma materia ignea que, resfriando-se com o decurso dos milhares de millenios, acaba por adquirir uma crósta, cujo reservatorio de energia é o proprio nucleo incandescente.

Quando o resfriamento faz cessar, de todo, a incandescencia da superficie, a estrella propriamente dita perde a luminosidade propria, descendo á condição de planeta.

O nosso systema solar

43.—Por esse motivo, o nosso Sol, prevendo o futuro, encaminha-se, com o seu acêrvo de planetas *et reliqua*, inclusive um delles completamente em pedaços, para a constellação de Hércules, onde parece estar o seu futuro nucleo solar, levando, para esse fim, uma modesta velocidade de vinte kilometros por segundo e descrevendo curvas regulares, sob a influencia da lei universal da gravitação.

A terra e sua formação

44.—A Terra, este mundo em que vivemos, tambem foi, de comêço, uma massa gazosa incandescente.

Primeiramente, vapores electro-magnéticos; depois, explosões formidaveis, uma superficie pastosa, uma pellicula solidificada,—agglomeração de detricos de toda

especie—; por fim, uma crósta exterior mais sólida, onde se formaram as ilhas, os continentes, com todos os germens da vida mineral, vegetal e animal,—o homem por ultimo—, tudo surgido das proprias convulsões e transformações geologicas, fructo da sua agonia de sol moribundo.

45.—A crósta da Terra ainda hoje não tem mais do que quarenta a sessenta kilometros de espessura.

A crosta da terra

46.—Logo abaixo dessa crósta, agita-se a massa ignea primitiva, com uma densidade decrescente até trezentos kilometros de profundidade, onde começa o nucleo central puramente gazoso e homogeo.

A massa ignea e o nucleo gazoso central

47.—O oceano de fogo interno, meio sólido, meio líquido, projecta, de vez em quando, através da crósta sólida, pelos boqueirões chamados vulcões, escórias de todo genero e chammas, o que constitue as erupções.

As erupções vulcanicas

E' grande o pavor que inspiram esses phenomenos impressionantes; entretanto, não passam elles do effeito proprio da combustão de varias substancias em ebullição no centro do planeta, prova de que este ainda vive, as quaes procuram escapar-se pelas aberturas da superficie.

São tão naturaes que um simples brinquêdo de creanças pôde dar delles uma miniatura.

Com effeito, se quereis um succedaneo de vulcão, fazei uma pasta, com um pouco de agua, de limalha de ferro e de enxôfre, em partes eguaes, enterrando-a e calcando bem a terra sobre ella. A combinação, desprendendo calor, fará com que a terra superpósta, dentro em pouco, se abaúle e seja projectada a distancia, ao mesmo tempo que, pelas rachaduras do sólo, se evolarão vapores carregados de enxôfre, tal como nas solfatáras do Vesuvio e do Etna.

Assim, o calor, a fôrça e o movimento resultarão expontaneamente do contacto de duas substancias de si mesmas inértes, como a polvra, que não é mais que a mistura do salitre com o enxôfre e certos carvões, a qual se inflamma, por vezes, com o proprio calôr do ambiente.

**Cataclysmas  
cosmicos.  
Terremotos e  
maremotos**

48.—Além dos vulcanicos, soffre a Terra cataclysmas cósmicos, causa do desaparecimento de continentes inteiros, submersão de ilhas, desmoronamento de cidades, villas e aldeias.

Os terremotos e maremotos originam-se das contracções da crósta da Terra sob a influencia da actividade solar, produzindo maior ou menor tensão dos gazes encerrados no interior do nosso espheróide e que procuram expandir-se.

O erudito abbade Th. Moreux, director do Observatorio de Bourges, observou que o periodo das commoções terráqueas coincide sempre com as alterações que se dão inopinadamente na actividade solar, causando súbito augmento ou diminuição da pressão da massa incandescente da Terra, situada precisamente entre o nucleo gazoso e a crósta sólida, e consequentemente o levantamento e o abaixamento desta ultima.

A crósta da Terra, todavia, tende a tornar-se cada vez mais espêssa, solidificando-se, até que esta seja um mundo morto, cemiterio errante pelo espaço, sem athmosphêra, sem agua e sem habitantes, prestes a fragmentar-se como um caco velho.

**Antiguidade  
da terra**

49.—A Terra não foi sempre habitada, apresentando signaes de uma edade multi-millenaria nas proprias rugas, expressas por protuberancias e depressões, characteristics de uma existencia macróbica.

**O mais alto  
cimo.—A  
maior pro-  
fundidade**

50.—O seu mais alto cimo, o monte Everest, na cordilheira do Himalaya, Asia, fica a 8.840 metros de altitude, ao passo que a sonda desce no Oceano Pacifico a 9.788 metros.

**Animaes  
anti-diluvia-  
nos**

51.—A descoberta pelo explorador Sven Hedin, na Mongolia, de trinta dinosauros do periodo secundario, suggeriu a idéa de que a vida no nosso espheróide éra mais longa do que se pensava, não se aguentando de pé o periodo classico dos 4.004 annos antes A. C.

Para elucidarem esse problema e, sobretudo, a época do apparecimento dos animaes denominados anti-diluvianos, os sabios não descansam em suas pesquisas, tendo actualmente como campo predilecto o deserto de Gobi, no coração da China, onde as expedições têm encontrado, depois que os antigos Filhos do Céu se trans-

formaram em cidadãos republicanos, o maximo apoio das autoridades e, aliás, uma sociedade de geologia e um serviço geológico official, com especialistas do paiz.

Assim, o doutor Roy Chapman Andrews, desde 1922, organizando expedições todos os annos, tem conseguido, com esse poderoso auxilio, magnificos documentos para a historia da Terra, desvendando nas ossadas de gigantescos mamiferos desaparecidos, perfeitamente conservadas, um passado de muitos milhões de annos.

O facto é que, segundo parece, estamos á mercê de immensas catastrophes, fazendo desaparecer civilizações, porquanto, de tempos a tempos, a espiral da evolução opéra o movimento retrógrado, mergulhando, de súbito, a humanidade nas trevas de uma noute profunda para fazêl-a resurgir mais tarde, de novo, numa alvorada brilhante.

Até hontem, a fusão das massas de gêlo dos pólos, por não possuirem a espessura necessaria para resistir á acção do calor athmosphérico, por occasião dos deslocamentos maximos da ecliptica, occasionava a inundação de immensas extensões de terras, com as suas pavorosas consequencias, fazendo retroceder os sobreviventes á idade da pedra.

Tal como a Asia Central, a Patagonia é uma verdadeira mina de typos da vida animal das épocas mais remótas, o que deixa perceber que essas regiões desoladas fizeram parte de um continente subvertido outrora e cujos vestigios persistem para edificação dos pósteros.

Mesmo depois do apparecimento do homem, a evolução do nosso planeta se tem verificado pela transformação constante da sua face exterior.

52.—A immersão de continentes para dar logar á emersão de outros, novas terras surgindo ao passo que outras são engolidas na voragem,—eis o quadro de que é uma vaga reminiscencia essa lendaria Atlantida, a famosa Poseidonis, a que se refére o grande Platão, situada entre a America e a Europa e habitada por uma raça ultra-civilizada, a qual diz à tradição haver-se afundado no oceano, numa unica noute, a muitos milhares de annos, perecendo os seus habitantes, cujas reli-

Immersão e  
emersão  
de  
continentes.  
A Atlantida

quias se salvaram fugindo provavelmente através da cordilheira do Atlas, para o Egypto e Créta, onde lançaram os alicerces das priscas civilizações desses paizes.

**Torres redondas da Irlanda**

53.—Alguns testemunhos de pedra evitaram apagar-se a lembrança dos Atlantes, como sejam as mysteriosas torres redondas da Irlanda, das quaes têm sido encontrados espécimens no circulo polar arctico.

**Ruínas do Mexico e da America Central**

54.—A profunda analogia entre as ruínas do Mexico e da America Central com as do Egypto e da Assyria suggérem a idéa de uma civilização similar em épocas affastadas, ao passo que a particularidade interessante de serem brancos os egypcios, apesar de habitantes do continente negro, quando são muito anteriores á civilização européa, indica a sua provavel affinidade com outro povo branco que não os da Europa do seu tempo.

**O paiz das ossadas**

55.—No Estado mexicano de Guerreros, existe uma região, cujo nome—Quechmitoplican—significa o paiz das ossadas.

Despójos humanos, em absoluta confusão, dispóstos uns sobre os outros, como se os tivesse arremessado alli uma tremenda convulsão, são deparados por toda a parte, em todas as direcções, á flôr da terra e até ao longo das muralhas dos desfiladeiros a pique.

Naquelle incommensuravel cemiterio, tudo insinúa que um pavoroso cataclysmo mergulhou no esquecimento um povo inteiro, destruindo talvez um dos mais esplendidos estados de civilização.

**O caminho por terra entre a Noruega e as ilhas britannicas**

56.—A circumstancia de se afogarem, por vezes, bandos consideraveis de coelhos, na viagem emigratoria do outomno, tentando atravessar o mar entre a Noruêga e as Ilhas Britannicas, dá a certeza de uma comunicação por terra, alli existente antanho, que a memoria da espécie não esqueceu.

**O mar do Sahara**

57.—Nessa época, o deserto do Sahara seria um mar, o que se deprehe de das camadas salinas e depositos conchiliferos do seu sólo candente.

Esse mar, de que as montanhas de Marrocos e da Algeria, bem como o monte Sinai, eram terras emer-

gentes, teria tido os seus sitios mais profundos em Chott-Melrir (32 ms. de depressão abaixo do nivel do mar), Algeria; no oásis Aradj (75 ms.) deserto da Lybia; no Sudão (394 ms.); e em Fayum (40 ms.), Egypto.

58.—O apparecimento do homem sobre a superficie da Terra positivamente deixa a perder de vista os 5.933 annos (4.004 mais 1.929) dos que interpretam os textos pela letra e não pelo sentido occulto.

O appareci-  
mento  
do homem

59.—As excavações, no logar onde foi Babylonia, pelo professor A. H. Sayce, forneceram testemunhos preciosos da existencia do povo babilonico a sete mil annos.

Excavações  
no logar  
onde foi Ba-  
bylonia

Os annos authenticos da vida da immensa cidade produziram enorme emoção nos circulos theologicos, causando taes discussões na Allemanha, que obrigaram o Kaiser a prohibir que ellas fôsem mais longe.

60.—Maior alarma resultou das descobertas effectuadas no sitio onde foi situada Nippur, cidade ainda mais antiga, que os elamitas destruíram aos dous mil annos A. C., pois que dellas resultou a prova da existencia de uma alta civilização a dez mil annos.

Dez mil an-  
nos de  
civilização:—  
Nippur

61.—Deante de tão longinquo passado, somos impellidos a perguntar: Que tempo se faz preciso para que a Terra seja um astro extincto?

A morte da  
terra

Sabemos respondel-o, dizendo apenas que a vida na Terra se extinguirá pelo inevitavel resfriamento. A sua athmosphera rarefeita não mais formará os vapores da agua; cessarão as chuvas; seccarão as fontes, os rios e os mares. Reinará o silencio. Os seus desertos já são symptomas desse mal de morte. Assim, acabam os astros.

62.—Por essa maneira, tambem morre a Lua, o mundo mais proximo da Terra, da qual dista tão sómente 384.282 kilometros.

A lua

63.—O pequeno suburbio sideral, quarenta e nove vezes menor que o nosso planeta, e do qual sómente ve-

A athmos-  
phera da lua

mos uma face, não possúe athmosphéra, ou, se a tem, é tão escassa que tornará impossivel a vida, tal como a comprehendemos.

Talvez ainda existam alli alguns infusorios, vivendo do parco oxigenio produzido pelo desmoronamento das rochas.

Se houvesse na Lua qualquer camada de ar, relativamente consideravel, toda estrella, encoberta por detrás do seu globo opalino, mostraria uma ponta, ao reaparecer, encurtando o eclipse, produzida pela refracção occasionada pela athmosphéra lunar, o que já-mais se verifica.

O exame da sua luz, ao espectroscopio, não revêla outra cousa senão a luz solar.

E, não havendo athmosphéra, não podemos contar com habitantes.

O que se vê  
na lua

64.—Os telescopios actuaes, por meio de ampliações que augmentam o seu poder visual até mais de seiscentas vezes, permittem ver na Lua objectos do tamanho de uma estação de caminho de ferro.

Entretanto, não se assignala, nesse astro, senão relêvos de montanhas e cratêras de vulcões, um amontoado de lavas.

O circo de  
Platão

65.—Por unica particularidade, vêem-se no interior do Circo de Platão, de noventa e seis kilometros de diametro, por entre muralhas desmanteladas, como que verêdas entrecruzando-se em todos os sentidos, e nada mais.

Habitabili-  
dade dos  
astros

66.—Não é possivel, todavia, que sómente seja habitado o insignificante grão de areia que é a Terra, neste concerto maravilhoso, onde os mundos são bilhões de bilhões e a natureza é uma só, servindo-se em toda a parte dos mesmos materiaes.

Pensamos, por essa razão, que a vida, tal como a concebemos, deve apparecer em todo o meio physico que offereça as necessarias condições para isso.

Nesta ridicula Terra, que se attribue o privilegio unico de ter sêres pensantes, a vida é possivel em temperaturas incriveis.

67.—Alguns microbios resistem aos frios extremos de 200° centigrados abaixo de zéro, enquanto infusorios, submettidos a 200° centigrados de calor, num forno electrico, retomam a vitalidade, embóra reduzidos a esqueleto, se fôrem depois mergulhados numa gôta de agua.

Temperaturas  
extremas

“Ergo”, a manifestação da vida é possível em todo astro onde pôssa manter-se uma temperatura entre os limites acima.

68.—Em summa, a vida animal é um facto perfeitamente accetavel nos planetas que tenham deixado o estado gazoso e adquirido uma crósta sólida, sendo provavel que os sêres se revistam de fórmulas exquistas pela necessidade de se adaptarem ás condições do meio, como acontece no fundo dos mares terrestres, em que as deformações horrendas do systema ambulatorio e as anomalias dos órgãos dos sentidos, da digestão e da respiração dos monstros que alli vivem, evidenciam que as fórmulas dimanam de causas mesologicas.

Possibilidade  
da  
vida animal

69.—Com effeito, a vasa do oceano, de cinco mil metros de profundidade em deante, bem como a pressão athmosphérica, géra sêres sem energia, que se sérvem de patas alongadas, pêllos e picos para deslizar sobre o atoleiro. Alguns achatam-se. Atrophiando-se-lhes os olhos, em virtude da profunda tréva reinante, trazem outros consigo uma especie de luz electrica, e ainda outros são munidos de uma antenna, que faz de bordão de cégo. Varios possúem olhos desmesurados, e certos delles são providos de um apparelho luminoso proprio, que exerce a funcção de lanterna.

A forma  
resulta da  
necessidade

70.—Marte, á puridade, planeta já velho, em que a pressão athmosphérica, devido á sua pequenez, vale á de uma altitude, entre nós, de quinze a dezeseis mil metros acima do nivel do mar, se tivér habitantes, devem estes dispôr de órgãos respiratorios adequados; porque nós, os terraqueos, não poderiamos supportal-a, morrendo em poucos instantes a esguichar sangue por todos os orificios do corpo.

Habitabilidade de Marte

Aliás, esse planeta peréce de resfriamento, só sendo, porventura, toleravel a existencia no respectivo equador.

Venus e a  
sua  
habitabili-  
dade

71.—Venus, o planeta mais proximo da Terra, o radioso astro que vemos de manhã, com o nome de “Stella Matutina”, e de tarde, sob a denominação poética de “Vésper” e tambem de “Estrella da Tarde”, tem, entretanto, maiores affinidades comnosco, de idade, pêso e tamanho, de modo que alli poderiamos respirar como gente.

Nos pólos, o seu clima é temperado, o que não acontece no equador, onde a maxima de 55° centigrados positivos, do Sahara, é de muito ultrapassada, ainda que frequentes tempestades e aguaceiros mitiguem a soalheira produzida pela evaporação.

Dentro dos nossos conhecimentos, só os pólos de Venus pôdemos apontar como habitaveis por entes semelhantes a nós, sendo que, se alli não surgiu ainda o homem, está para surgir.

A natureza  
é uma só

72.—A natureza é uma só, e da maneira que trabalhou aqui, trabalhará acolá.

Tudo nella são modalidades de uma força unica. Em toda ella ha uma só Vida.



## A CONQUISTA DO ÉTHER

---

73.—O desdobramento das células vitas em “electrons” deformaveis, dissociando-se estes facilmente, por sua vez, do corpo principal, para formarem “ectoplasmas”, veio trazer um mundo de idéas novas á sciencia experimental, entre as quaes a admissão da hypóthese de que os mesmos póssam sobreviver, conscientes, á morte do corpo de que se desagregam, passando ao estado immediatamente superior, a que pertencem,—o éther.

Os “electrons” e a sua dissociação do corpo physico

74.—Não é tendencia da materia dissociar-se, ascendendo de estado em estado ?

Tendencia qa materia para a dissociação

A gôta de agua, ao evolar-se, não põe em liberdade os elementos de que se compõe,—o hydrogenio e o oxygenio, que passam ao seu estado natural, o gazoso, sobrevivendo ao envólucro liquido ?

Não são os “electrons” células animadas e conscientes da sua funcção, isto é, outras tantas fórmias vivas e inteligentes, de natureza mais subtil do que as células vitas, seus envólucros ?

75.—E’ fóra de toda duvida que a materia é dissociavel em particulas de incrível subtilidade, cuja energia incalculavel está na razão directa da mesma subtilidade.

Subtilezas das particulas da materia

76.—Muito acertado andou o doutor James Croll quando disse que “os bilhões eram as unidades na arithmetica da eternidade”, porquanto esta é a base em que se pôde assentar o cálculo do quanto é infinitesimal a pequenez das particulas que se desprendem do “radium”, attendendo ao numero astronomico dellas que

Os bilhões.— Unidades na arithmetica da eternidade

elle perde, por segundo, com as suas distribuições de luz, fôrça e calor, durante cêrca de um milhão de annos, o que dá idéa da imponderabilidade do "helium", o super-gaz em que se transfôrman os seus effluvios phosphorescentes, ao desapparecerem, e que faz parte integrante da composição do Sol e das nebulosas.

**A força do éther**

77.—Eis ahi a razão da prodigiosa fôrça e extraordinaria subtiliza das substancias em que se desdóbram as células vitaes e constituem os "ectoplasmas", ou "aparições espiritas", que são fórmãs pertencentes virtualmente a um estado mais subtil da matéria, provavelmente aos dominios do éther.

A mesma aptidão é observada quanto aos super-gazes, como sejam o referido "helium" e o "argon", este ultimo tirado das emanações do "thorium", ambos verdadeiramente das fronteiras da materia radiante, ou ethérea.

Na verdade, as ondas do éther são formadas por substancias molléculares subtís incomparavelmente de maior actividade do que as das ondas do ar, quer no raio de acção, quer na rapidez dos movimentos, podendo, assim, assegurar-se que tanto maior é a energia de uma mollécula quanto maior fôr a imponderabilidade da sua substancia.

**Sobrevivencia da luz de uma estrella á propria estrella**

78.—Não resta dúvida, tambem, que as molléculas de natureza super-gazosa ou ethérea, desaggregadas da materia por meio de emanações, e que constituem a chamada—materia radiante—, sobrevivem, conscientes da sua função, ao envólucro ou cõrpo principal propriamente dito, de onde irradiam.

Na verdade, não obstante o cataclysmã cõsmico do desapparecimento súbito de uma estrella, as irradiações projectadas por ella em ondas pelo espaço continúam o seu percurso, tal como durante a existencia do cõrpo de onde emanam.

Em outras palavras, a estrella que divisamos nitida, fulgurante, tremeluzindo em plena vida em determinado ponto do firmamento, pôde, entretanto, já não existir de ha muito,—a tantos séculos, em summa, quantos sejam precisos para que a respectiva luz chêgue até nós.

Eis ahi uma vibração, ou fóрма, de natureza ethé-

rea, desdobrada de um corpo physico, que lhe sobrevive através dos millenios.

79.—Pensamos que o conceito da materia em opposição a—espirito—precisa ser revisto. Materia e espirito, subjectivamente, são os dous aspectos da Vida na sua essencia, os quaes coexistem e são inseparaveis. O espirito, entretanto, não é producto da materia, nem a materia é producto do espirito. O seu conjuncto é que é a Vida.

Materia-espi-  
rito

A demonstração é a seguinte: Da mesma fórma que não existe materia sem fôrça, nem fôrça que não affecte á materia, não existe materia sem vida, nem vida que não affecte á materia. Tudo é materia. tudo é fôrça, tudo é vida.

Objectivamente,—espirito—é a materia imperceptivel, por sua subtilidade, aos sentidos ordinarios. Neste ponto, a distincção entre materia e espirito, não é mais do que uma illusão, decorrente da nossa percepção defeituosa.

80.—A materia, qualquer que seja a maneira por que se apresente á nossa percepção, não é senão a mesma substancia una e primordial que enche os espaços infinitos, que se manifesta em actividade especial em torno de nucleos, dando origem, assim, a todos os seres e todas as cousas com as suas fórmas.

A vida una

Sólida, líquida, gazosa, ethérea, a materia, comtudo, é sempre a materia, agindo em ondas de energia. Cada um desses estados é uma questão de maior ou menor velocidade das respectivas molléculas, alliada ao maior ou menor potencial dos sentidos do observador.

81.—A natureza inteira obedece á mesma regra, fazendo brotar dessa poeira vivente, que povôa o Universo, as fontes productoras da vida.

Cellulas-ôvo

Hoje, em dia, causaria riso quem nos viesse dizer que “tiramos a Deus a acção directa sobre as suas obras, transformando-a num mecanismo material”, pois a sciencia, tendo conquistado o éther, já sahiu do mundo elementar, penetrando no mundo superior e invisivel.

Os descortina-  
dores da  
visão do éther

82.—Gloria a todos os genios que nos proporcionaram a visão do éther, imperceptível aos sentidos ordinarios !

Gloria a Faraday, o primeiro que suspeitou da existencia das ondas do éther; a Maxwell, o creador da theoria electro-magnética da luz; a Hertz, que produziu a primeira demonstração experimental da existencia das ondas do éther, ou luminosas, em 1886, completada pelas descobertas dos radios-conductores, por Branly, em 1890, da antenna, por Lodge e Popoff, em 1895, e do telegrapho sem fio, por Marconi, em 1896 !

Gloria a Roentgen, que descobriu, no mesmo anno, os raios X, e aos esposos Curie, que nos dêram o calor, a força e a luz em comprimidos naturaes, sob o nome de "radium", em 1898 !

Gloria a Baird que realizou a primeira experiencia de televisão pelas ondas do éther (1928), e a Coolidge que, por meio dellas, gerou o "electron" do proprio vácuo (1928) !

Ether, essen-  
cia universal,  
e seus pro-  
vaveis estados  
successivos  
de subtileza

83.—Tudo prova que o éther é a essencia universal, consciente da sua função, palpitante e vibrátil, que enche os espaços infinitos, interpenetrando todas as cousas, geradora desses turbilhões de energia que são as nebulosas, e susceptível, como substancia mollécula, de successivos estados mais subteis pela dissociação dos respectivos elementos componentes, que se põem em liberdade para passar de um estado para outro, torvelinhando em tórno dos respectivos nucleos e repellindo a materia do antigo ambiente, até constituirem nova combinação de natureza mais subtil.

A cadeia  
ininterrupta de  
elos da  
natureza

84.—Ha, na verdade, em toda a acção da natureza uma cadeia ininterrupta de élos, deante da qual se é levado a confessar que tudo obedece a um só plano.

A ligação entre as vibrações do ar e as vibrações do éther são tão estreitas que, a cada vibração sonora do ar, corresponde uma vibração luminosa do éther. A cada som, corresponde uma côr,—tendo, tanto o som, como a côr, a fórmula correspondente, expressa por uma figura geometrica correlata.

85.—Numa palavra, a natureza actúa rigorosamente pelo rythmo (sons ou côres), e pela fôrma (figuras geometricas), as quaes são as exteriorizações das suas energias (fôrça, calor e movimento), geradoras da belleza (equilibrio, ordem e harmonia).

O rythmo e a fôrma

86.—Ha um phenomeno magnetico que demonstra a existencia de um plano determinado na acção das fôrças da natureza.

O phenomeno magnetico das agulhas imantadas

Mantendo-se um poderoso electro-iman sobre agulhas imanadas, com os seus respectivos pólos positivo e negativo, cravadas em pedaços de cortiça, fluctuantes numa vasilha com agua, verifica-se o seguinte :

Se é uma agulha unica, collóca-se debaixo do iman; se são duas, põe-se uma ao lado da outra; se tres, fôrman um triangulo; se quatro, um quadrado; se cinco, um pentagono; se seis, tambem um pentagono, com a sexta ao centro; passando, dahi por deante, a formar grupos de figuras geometricas, sempre com uma ao centro; mas, se as agulhas ultrapassam de cincoenta e uma, serão duas, em vez de uma, que ficam ao centro das figuras produzidas.



---

## O CAMINHO DA FELICIDADE

---



87.—Cada mente possui o seu modo proprio de vibração, exhibindo, em movimento continuo, quadros sempre variados.

E cada impressão recebida modifica a massa de vibrações já existentes, ao mesmo tempo que é modificada por estas.

O resultado é uma vibração nova, producto da combinação da recémvinda com as anteriores.

Eis o phenomeno da consciencia.

88.—A imagem, porem, é uma fórmula. E' uma questão de impressão ou percepção. Não conhecemos as cousas por ellas mesmas, mas apenas pelo effeito que ellas produzem na nossa mente. Por essa razão, chamamos de—reflexão—a esse phenomeno.

A imagem, portanto, não é a realidade; mas, a apparencia. Nunca é exacta, dada a relatividade das cousas.

Relativa como é, a mente de cada individuo cria sempre imagens defeituosas, nunca absolutamente fiéis.

Um exemplo dará perfeita idéa do que expendemos.

Se puzérmos um vidro vermelho deante da vista e por elle olharmos um objecto vêrde, este nos parecerá negro, e também nos apparecerá negro um objecto vêrde visto através de um vidro amarello, em razão do intermediario que nos intercepta a visão e altera a impressão do objecto visado.

Ha muita gente que jamais viu a côr encarnada.

Todos conhecem a regra que manda não ter outras côres ao alcance da vista, emquanto se julga uma.

A idéa, portanto, que fazemos de tudo aquillo que vemos, seria outra, se pudéssemos ter conhecimento do

O phenomeno  
da  
consciencia

A relatividade  
da  
mente

Universo por intermedio de sentidos mais apurados, e por outro modo que não fôsem vibrações modificadas por uma mente relativa.

**O remedio  
para a  
relatividade  
da mente**

89.—O remedio para isso é o aperfeiçoamento gradual dos nossos meios de percepção e, sobretudo, o desenvolvimento da mente, de que estes são a resultante.

A evolução mental demonstra-se pelo facto de não soffrer comparação a mente dos homens primitivos e dos selvagens com a dos homens intellectuaes do presente, nem a destes com a dos homens do futuro.

A fôrça do pensamento tambem se desenvolve como a fôrça muscular, graças ao exercicio systematico.

A observação, o discernimento, a razão, a comparação, o juizo, apuram-se, levando o homem ao conhecimento de si mesmo e da sua relação com a Vida Una, o que, produzindo o Amor á luz da Sabedoria, eléva-o acima das miserias humanas, fortalecendo-o contra a dor.

O Universo transfôrma-se deante do homem evoluído. A percepção deste é outra. A evolução, por que passa, fallo logo começar a sentir mais intensa a satisfação de viver.

Se quereis aperceber-vos experimentalmente dessa verdade, levae um camponio e um pintor a contemplar um pôr de sol.

Porventura, aquelle poderá sentir o extasis, a emoção delicada, a sensação de belleza, que este experimenta ?

Desenvolvei, pois, a vossa mente pelo estudo e pela meditação. Educae tambem o moral e o physico. Realizae o vosso progresso individual, e dentro em pouco vos sentireis num ambiente mais elevado. Estareis, então, a caminho da felicidade.

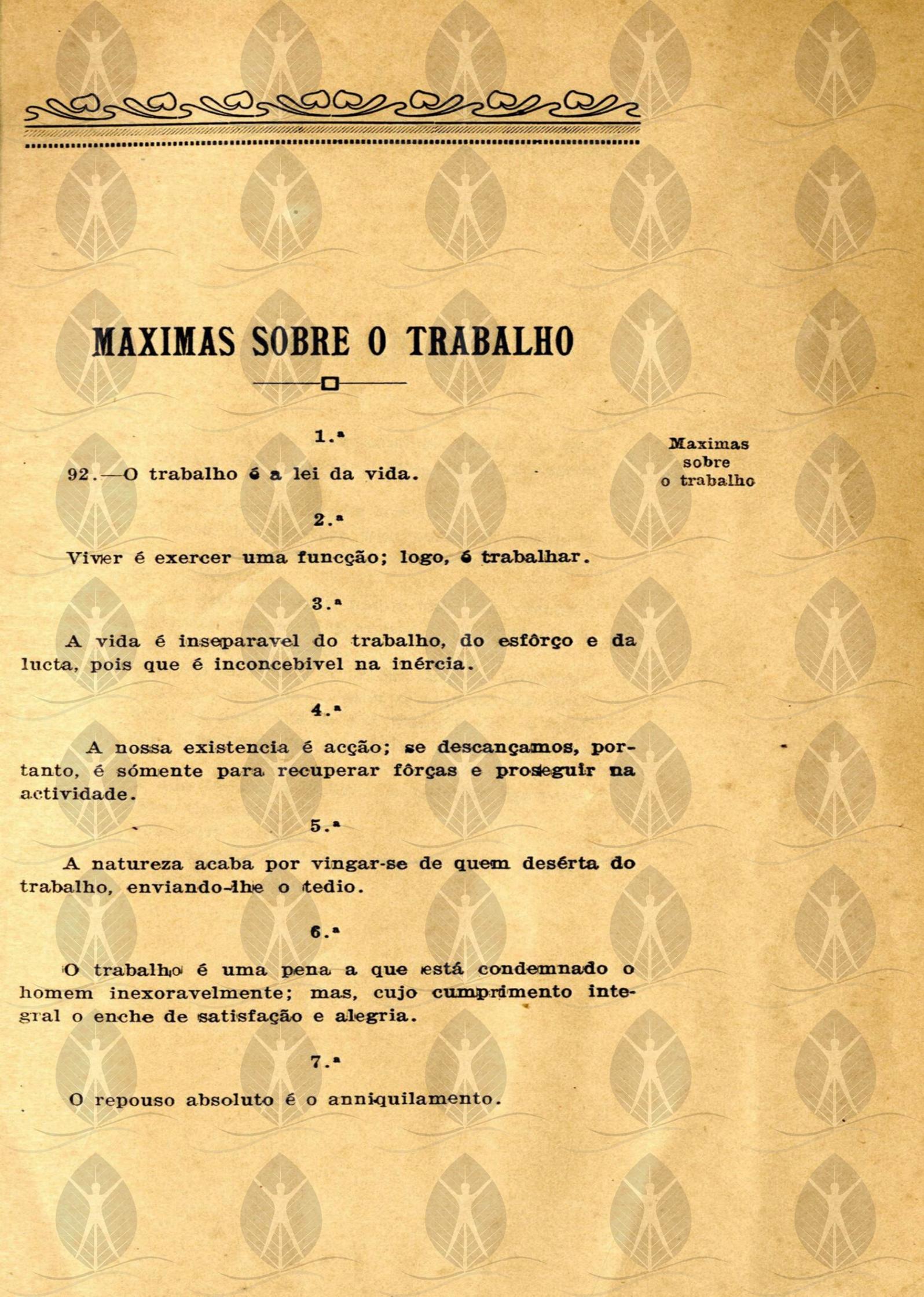
**O soffrimento  
factor de  
progresso**

90.—O soffrimento, igualmente, é um dos grandes factores do nosso progresso.

A dor é um instrumento de aperfeiçoamento, sendo ella propria quem nos traz o conhecimento dessa verdade e, com este, a mais profunda serenidade e uma larga visão de sabedoria.

**O caminho  
da felicidade**

91.—Quereis ser feliz ? Dominae as vossas emoções, refreiae os vossos desejos. Sêde bondoso para com to-



---

## MAXIMAS SOBRE O TRABALHO

---

1.ª

92.—O trabalho é a lei da vida.

Maximas  
sobre  
o trabalho

2.ª

Viver é exercer uma função; logo, é trabalhar.

3.ª

A vida é inseparável do trabalho, do esforço e da lucta, pois que é inconcebível na inércia.

4.ª

A nossa existencia é acção; se descansamos, portanto, é sómente para recuperar forças e proseguir na actividade.

5.ª

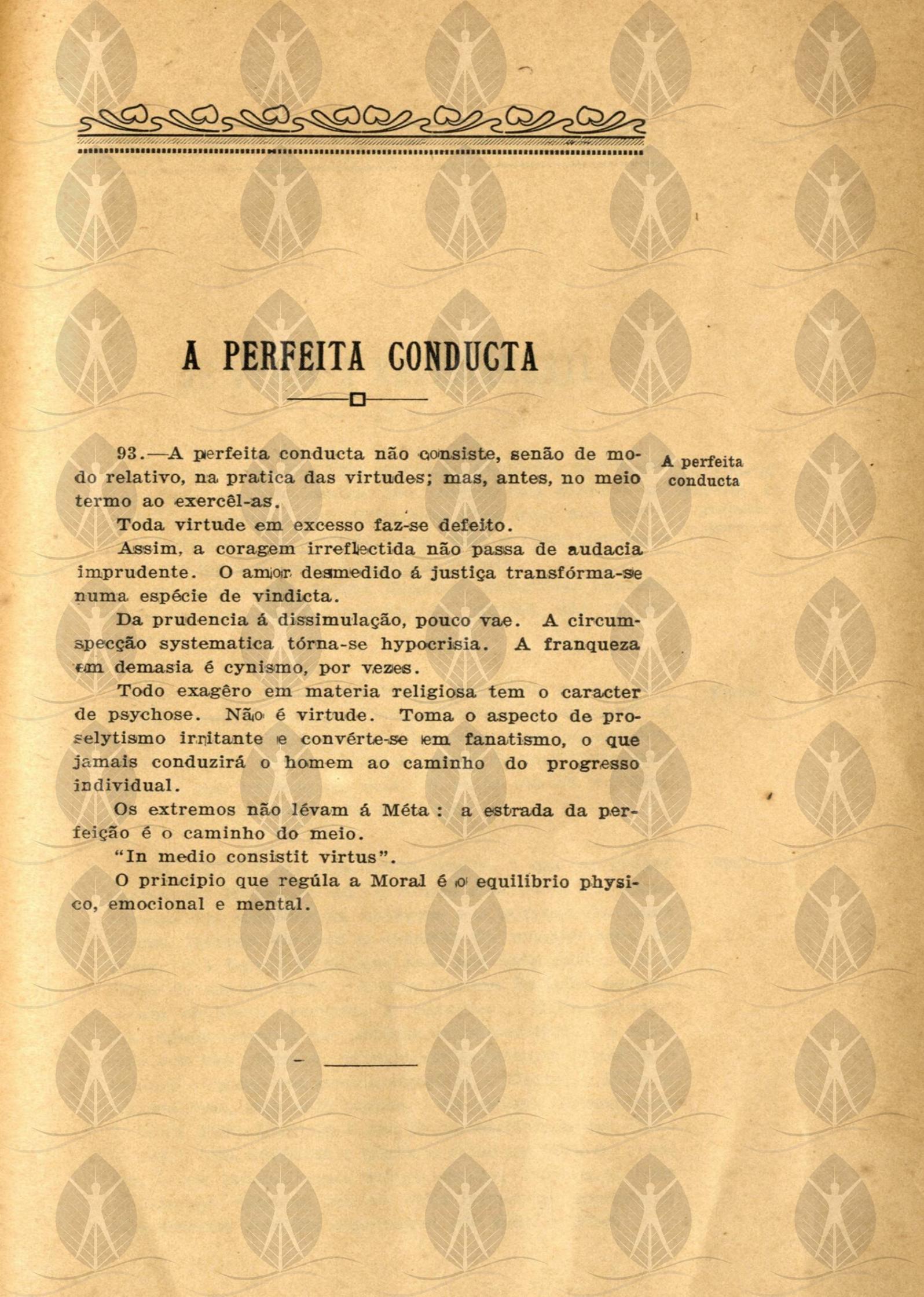
A natureza acaba por vingar-se de quem desérta do trabalho, enviando-lhe o tédio.

6.ª

O trabalho é uma pena a que está condemnado o homem inexoravelmente; mas, cujo cumprimento integral o enche de satisfação e alegria.

7.ª

O repouso absoluto é o aniquilamento.



---

## A PERFEITA CONDUCTA

---

93.—A perfeita conducta não consiste, senão de modo relativo, na pratica das virtudes; mas, antes, no meio termo ao exercê-las. A perfeita conducta

Toda virtude em excesso faz-se defeito.

Assim, a coragem irreflectida não passa de audacia imprudente. O amor desmedido á justiça transfórma-se numa espécie de vindicta.

Da prudencia á dissimulação, pouco vae. A circumspecção systematica tórna-se hypocrisia. A franqueza em demasia é cynismo, por vezes.

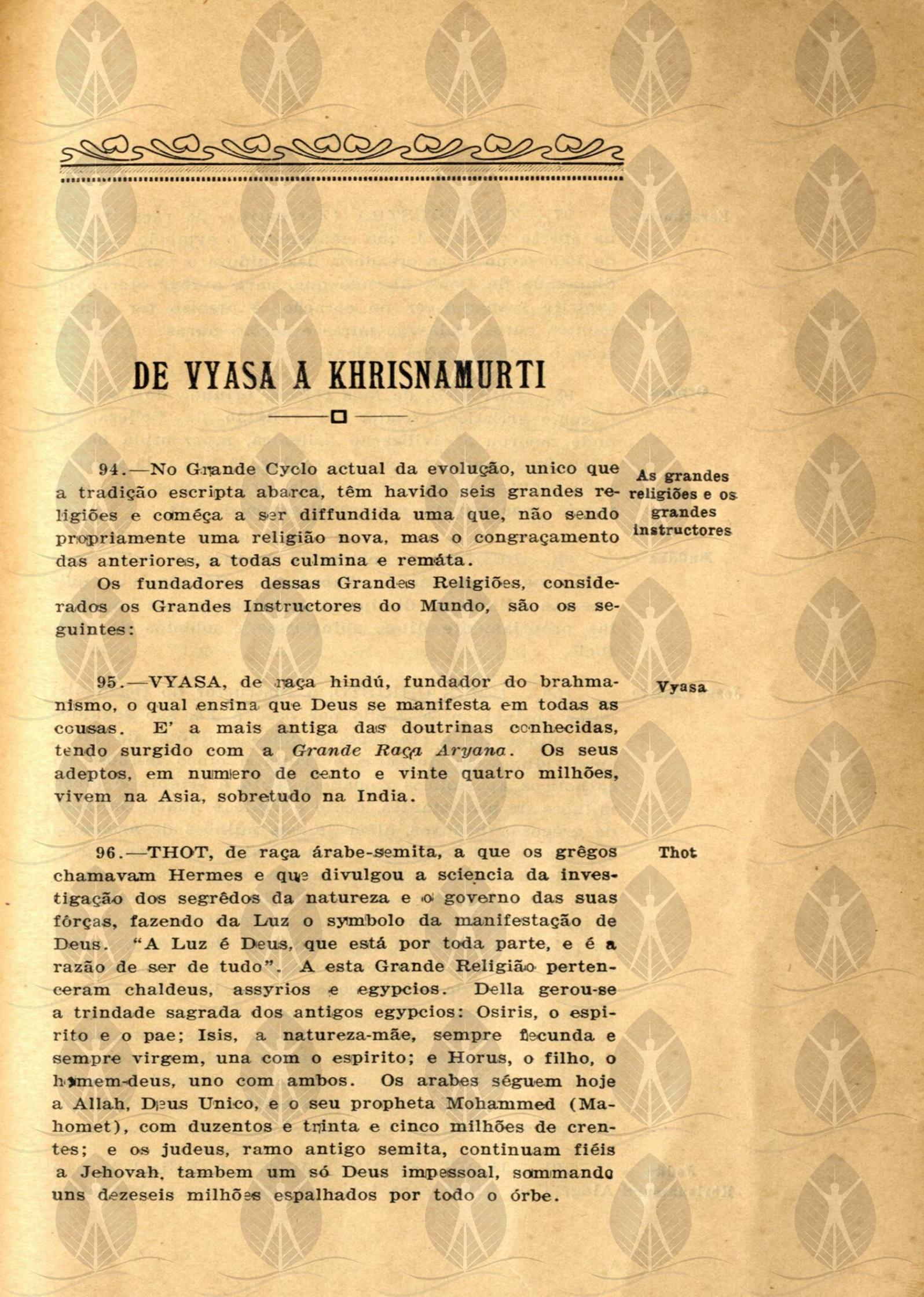
Todo exagêro em materia religiosa tem o character de psychose. Não é virtude. Toma o aspecto de proselytismo irritante e convérte-se em fanatismo, o que jamais conduzirá o homem ao caminho do progresso individual.

Os extremos não lévam á Méta : a estrada da perfeição é o caminho do meio.

“In medio consistit virtus”.

O principio que regúla a Moral é o equilibrio physico, emocional e mental.

---



---

## DE VYASA A KHRISNAMURTI

□

94.—No Grande Cyclo actual da evolução, unico que a tradição escripta abarca, têm havido seis grandes religiões e comêça a ser diffundida uma que, não sendo propriamente uma religião nova, mas o congraçamento das anteriores, a todas culmina e remáta.

As grandes  
religiões e os  
grandes  
instructores

Os fundadores dessas Grandes Religiões, considerados os Grandes Instructores do Mundo, são os seguintes:

95.—VYASA, de raça hindú, fundador do brahmanismo, o qual ensina que Deus se manifesta em todas as cousas. E' a mais antiga das doutrinas conhecidas, tendo surgido com a *Grande Raça Aryana*. Os seus adeptos, em numero de cento e vinte quatro milhões, vivem na Asia, sobretudo na India.

Vyasa

96.—THOT, de raça árabe-semita, a que os grêgos chamavam Hermes e que divulgou a sciencia da investigação dos segrêdos da natureza e o governo das suas fôrças, fazendo da Luz o symbolo da manifestação de Deus. "A Luz é Deus, que está por toda parte, e é a razão de ser de tudo". A esta Grande Religião pertenceram chaldeus, assyrios e egypcios. Della gerou-se a trindade sagrada dos antigos egypcios: Osiris, o espirito e o pae; Isis, a natureza-mãe, sempre fecunda e sempre virgem, una com o espirito; e Horus, o filho, o homem-deus, uno com ambos. Os arabes séguem hoje a Allah, Deus Unico, e o seu propheta Mohammed (Mahomet), com duzentos e trinta e cinco milhões de crentes; e os judeus, ramo antigo semita, continuam fiéis a Jehovah, tambem um só Deus impessoal, sommando uns dezeseis milhões espalhados por todo o órbe.

Thot

**Zarathustra**

97.—ZARATHUSTRA (Zoroastro), de raça iraniana (persa ou parsi), que estabeleceu o symbolo sagrado do fogo como força creadora, destruidora e purificadora, dimanada de Deus, dizendo que, para o fogo eterno do espirito resplandecer no coração, é preciso ter pensamentos puros, palavras puras e acções puras. Pela pureza, o homem chęga a Deus.

**Orpheu**

98.—ORPHEU, de raça cęltica, oriunda do Caucaso, o genio artistico, creador da religião da Belleza, de onde medrou a civilizaçã hellenica, repercutida na civilizaçã romana, na qual se traduz, já não pela musica, pela pintura e esculptura, pela architectura, ou pela poesia, mas por um admiravel corpo de leis.

**Buddha**

99.—BUDDHA, o Instructor do Oriente, cujos ensinamentos repousam na Sabedoria. Sęguem-n'os quinhentos milhões de discipulos, subdivididos em buddhistas propriamente ditos, shintoistas e adeptos de Confucio.

**Jesus Christo**

100.—JESUS CHRISTO, o Instructor do Occidente, cujos ensinamentos, tendo por base a Fé, são seguidos por quinhentos e cincoenta e cinco milhões de fięis, subdivididos em duzentos e trinta e cinco milhões de catholicos apostolicos romanos, cento e setenta e cinco milhões de protestantes, cento e vinte e quatro milhões de gręgos-orthodoxos, além de seis milhões de armenios e coptas e quinze milhões pertencentes a pequenos grupos dissidentes de todos os supra-referidos crędos christãos. Apesar de ter este Grande Instructor nascido no Oriente, de onde nunca sahiu, a sua doutrina foi abraçada pela raça teutonica que, vinda das florestas germanicas, se apossára do imperio romano. A mente dos barbaros só abarcou o lado concreto das Verdades Fundamentaes, ao passo que a mente oriental, sobretudo contemplativa, se perdia no mundo das idéas abstractas e demasiado complexas. Para reunir o abstracto ao concreto pela relatividade, surgiu, ainda vindo do Oriente, trazendo-nos a cúpula do vasto edificio, o sétimo Grande Instructor, ultimo do actual Grande Cyclo.

**Jeddu**

101.—JEDDU KHRISNAMURTI, a Felicidade e a Khrisnamurti Alegria de Viver para todos os que o comprehenderem

e o tivérem dentro do coração. A sua doutrina repousa na intuição alliada á experiencia. Vem destinado a unir o Occidente e o Oriente.

102.—Antes de tratarmos dos admiraveis ensinamentos do actual Grande Instructor, verifiquemos a identidade dos mythos que o precederam. Identidade  
a dos diversos  
mythos

Osiris, o espirito divino; Isis, a mãe-eterna, ou a natureza sempre virginal, dando a Vida a Horus, o homem-deus, uno com ambos, eis o mytho dos antigos egypcios que viveram milhares de annos antes da éra christã,—o qual é fonte do mysterio da Santissima Trindade, desde que se queira divisar, em Deus-Padre, ou o Creador, a natureza, eterna creadora e renovadora de si mesma, substituindo-se, portanto, a Mãe-Eterna, pelo Padre-Eterno, herança do judaismo.

Horus, ou Serapis, o filho, nasceu como Christo no solsticio do inverno e morreu no equinoxio da primavera, para resuscitar em seguida.

Teve tambem de fugir quando infante, levado por sua mãe, a Virgem Isis, montada num jumento.

A paridade não pôde ser mais flagrante, tendo-se encontrado, aliás, numa parêde do velho templo egypcio de Lucsor, um quadro com as scenas da annunciação, da concepção, do nascimento e da adoração, reproduzindo as mesmas passagens da vida de Jesus Christo. Na ultima scena ha tres personagens que lembram os Reis Magos, sendo o templo e a esculptura, não obstante, muitos e muitos séculos anteriores á época de Christo.

Vichnú, o Deus-Creador dos hindús, no seu oitavo avatar, veio á Terra com a personalidade de Jeseua Christna que nasceu de uma virgem, "offuscada" pelo espirito divino, e foi adorado, ao nascer, por pastores, tendo escapado de uma matança geral dos recém-nascidos.

Curou leprosos; resuscitou mortos; restituiu as ouças aos surdos e a vista aos cegos. Proclamou-se a segunda pessoa da Trindade e o proprio Vischnu, descido á Terra para salvar o homem do peccado original. A sua moral éra pura, elevada e altruista.

Tendo sido enviados contra elle soldados a fim de prenderem-n'o, os seus discipulos, tomados de panico, quizeram fugir; mas, Christna, que estava a orar alli por perto, foi ter com elles, exprobañdo-lhes a pouca fé,

e appareceu-lhes transfigurado, afim de que passassem a chamal-o de Jeséua, o que quer dizer—nascido da pura essencia divina.

Duas mulheres da peor especie derramaram-lhe perfumes sobre a cabeça e adoraram-n'o.

Quando se espalhou a noticia da sua morte, os seus discipulos correram a recolher-lhe os despojos; estes, porém, haviam desaparecido, porque elle resuscitára e subira aos céos.

Neste caso, o simile ainda é mais perfeito, apesar de que Jeseua Christna, sendo a oitava encarnação de Vichnú, precedeu de muito á nona que foi Buddha, o qual é seis séculos, mais ou menos, anterior a Christo.

Buddha foi, por sua vez, annuciado por uma estrellla brilhante, acudindo reis a adoral-o. Teve por mãe Maya que, por morte, subiu aos céos, significando esse nome, mais ou menos homonymo de Maria, a illusão.

Como o seu successor Christo, jejuou no deserto e prégou o sermão da montanha, tendo apparecido, após a sua morte, aos discipulos, com a fronte cingida por uma auréola.

Teve tambem um adepto traidor e nada deixou escripto.

Entre os seus sequazes, houve um, crente em absoluto e cheio de zêlo, como Pedro, e outro, de índole meiga e seu predilecto, como João.

O seu Dalai-Lama, no alto das montanhas do Thibet, tambem é infallivel.

A semelhança dos mysterios antiquissimos da religião fundada por Zarathustra (Zoroastro) com os do christianismo é de tal ordem que São Justino accusou o diabo de os ter revelado aos persas antes do nascimento de Christo.

Na verdade, Mithra, o deus supremo dos persas, chamado tambem o Senhor, nasceu numa gruta, de uma Virgem, no dia 25 de dezembro, isto é, no dia do solsticio do inverno, tendo sido annuciado por uma estrellla, que appareceu no Oriente, e por magos, que lhe levaram ouro, perfumes e myrrha. Morreu no equinoxio da primavera, resuscitando para redimir os peccados da humanidade.

Não offerece ensejo á reflexão, porventura, tão ex-

traordinaria analogia entre os diversos mythos criados em torno dos Grandes Instructores da Humanidade?

Semelhante coincidência não vos trará á mente a idéa de constituírem elles a mesma Verdade sob fórmulas differentes?

Brahmanistas, Buddhistas, Judeus, Christãos, Hahometanos,—todos se julgam, entretanto, os unicos depositarios dessa Verdade, trucidando-se, as vezes, por questões de divergencia de ceremonial, sempre que se lhes offerece ensejo.

103.—A Moral de todas as religiões assenta no preceito "*Não faças a outrem aquillo que não queres que te façam*". Prêga-o o brahmanismo. Zarathustra (Zoroastro) adoptou o outro preceito correlato: "*Faze aos outros aquillo que queres que te façam*", que é o da caridade positiva. Buddha estendeu o primeiro desses principios á natureza inteira. Lê-se aquelle no Livro de Tobias (IX,16). Confucio, cinco séculos antes de Christo, e Mencio, outro philosopho chinês, tres séculos tambem antes deste, repetiam-n'o aos seus discipulos. Os dous postulados conjugados constituem os pólos da consciencia e contêm toda a Sciencia do Bem e do Mal. Se os homens por elles pautassem estrictamente os seus actos, teriam attingido á perfeição.

A moral de todas as religiões tambem é identica

104.—Jeddu Khrisnamurti nasceu em 1896. E' hindú de origem e de nascimento, tendo sido annuciado por uma genial ingleza, Anna Besante (Annie Besant), que chefia um agrupamento internacional de pensadores, com o nome de—Sociedade Theosophica—, fundada em New-York, a 17 de novembro de 1875, pela princeza russa Helena Petrovna Blavatsky e o coronel americano Henry Steel Olcott.

Vinda de Jeddu Khrisnamurti

105.—A voz do actual Grande Instructor ouviu-se pela primeira vez, a 28 de dezembro de 1925, em Adyar, Madrasta, India, onde elle disse:

Primeira predica de Jeddu Khrisnamurti

*"Venho para os que necessitam de sympathia, para os que desejam a felicidade, para os que anseiam pela libertação, para os que almejam encontrar a alegria de viver em todas as cousas.*

*Venho para reformar, não para demolir; não para destruir, mas para edificar".*

A personali-  
dade de  
Jeddu Khris-  
namurti

106.—Typo ideal de uma suavidade extrema de palavras e attitudes, envólve-o um hálo de amor que d'elle dimana, tornando-o um fóco de attracção formidavel para os que se lhe approximam. Do seu olhar irradia uma compaixão infinita e, por isso, chamam-n'o o Senhor da Compaixão. E' citado, pelos que já o ouviram algures, como "*Aquelle que falla como jamais homem algum fallou*".

O fundador da Nova Era vive em contacto intimo com a natureza, intitulado-se a si proprio "*o Mestre, Cantor da Vida, que vem para purificar e enobrecer o fluxo impuro da vida e tornar os homens felizes, estabelecendo a felicidade sobre a Terra.*"

E' indescriptivel o poder suggestivo do seu Verbo e da sua Doutrina sobre os corações. A sua voz sonóra e vibrante commove até as mais intimas fibras aos que o escutam.

Nos seus conceitos, nunca ouvidos de labios humanos, revéla-se um sêr esplendidamente honesto e verdadeiro.

Parece que, por elle, falla a propria Vida, profunda, elevada e simples.

Ensinamen-  
tos de Jeddu  
Khrisnamurti

107.—Principiando por dizer: "*Não quero que me adórem; mas que me comprehendam*", condemnou o culto pessoal, da maneira mais categórica.

O proprio reconhecimento da sua autoridade pessoal deixou-o ao fôro intimo de cada um, porquanto é seu principio maximo "*a liberdade de acceitar, como verdade, sómente aquillo que a consciencia não repêlle, visto demonstrar-se por si mesmo dentro do nosso Eu*".

Péde que se diga d'elle: "*Não sei quem sois, nem se sois o verdadeiro Instructor do Mundo; mas, o que dizeis parece-me justo e, por isso, vou esforçar-me por comprehender-vos e viver na conformidade do que dizeis*".

Assegurando que "*não tem nome nem rótulo*", exclama: "*Não ha outro Instructor senão Aquelle que temos dentro de nós mesmos*", accrescentando "*O Instructor é a Vida*".

O seu mandamento é: "*Julgae o que vos digo pelo seu mérito, e não permittaes que qualquer crença acerca da minha pessoa se interponha entre a vossa consciencia e aquillo que vos digo*".

E mais este “*Adhère á Verdade e não a quem a transmite, pois o que importa é a pureza da agua e não a decoração do vaso em que é servida*”.

Não quer, pois, ter autoridade; e por isso recusou os nichos que lhe offereciam, allegando que “*o seu templo estava em todos os corações*”.

A alguém que lhe perguntou se éra o Christo, que voltava, redarguiu:

“*Amigo, quem pensaes que eu sou? Se eu vos dissér que sou o Christo, creareis uma nova autoridade. Se eu vos dissér que o não sou, creareis, do mesmo modo, uma nova autoridade. Imaginaes que a Verdade tem algo com aquillo que eu sou? Não vos preocupaes, portanto, com a Verdade; mas, com o vaso que a contém. Não quereis beber da agua, mas apenas examinar o vaso que a encerra. Amigo, se vos dissér que sou, e uma outra pessoa vos dissér que não sou o Christo, de que lado ficareis? Deixae de parte o rótulo, que é cousa sem valor. Bebei da agua, se ella fôr limpa: e eu vos digo que possúo agua limpa: possúo este elixir que purifica e que verdadeiramente cura. Vós me perguntaes quem sou: “EU SOU TODAS AS COUSAS, POIS QUE SOU VIDA”.*”

Estas palavras, a respeito de si proprio, fallam por si mesmas, trazem consigo uma especie de alvorecer para o mundo, suggerindo a idéa de que o Universo é animado por uma energia que existe em nós mesmos e, dirigida pelo poder da vontade, dá ao homem o dominio absoluto sobre si mesmo. Deante da certeza de que Deus está em tudo e em nós mesmos, cae por terra, por essa fórma, o Deus extra-cósmico, presidindo o Nada, que, aliás, é o absurdo maior que a mente já pode conceber. “*Não ha outro Deus senão aquelle que no homem se manifesta*”, diz Khrisnamurti.

Além desta phrase, elle não nos tóca em materia de religião; mas, unicamente na Vida. Promette “*revelar-nos, pelo conhecimento directo, o segrêdo da Vida, por serem chegados os tempos*”.

108.—A sua obra não tem fórmula determinada. A obra de Não adopta este ou aquelle crêdo. Crêa apenas um novo Jeddú Khrisnamurti.—O typo de homem,—o homem civilizado—, livre de peias, novo typo de senhor de si mesmo e operando dentro de si mesmo o homem

trabalho emocional e mental necessario para attingir, por seus proprios esforços, aquillo que se chama—*a Méta*—.

Para alcançar este escôpo, não tem efficacia alguma o traçar uma senda ou estabelecer regras para serem observadas por terceiros. A cada um é que compête traçal-as, ou estabelecê-l-as, a si mesmo.

Só o conhecimento directo da Verdade dá, pelo Amor que delle dimana, a Felicidade e a Alegria de Viver.

**A verdade**

109.—A Verdade, segundo Jeddu Khrisnamurti, sob um methodo e com rótulo, não pôde ser a Verdade, por estar limitada. Esta não pôde ser determinada; porquanto, se tentardes determinál-a, ou torcêl-a-eis de acôrdo com as vossas tendencias particulares, ou a estrangulareis dentro dos vossos conhecimentos relativos. A crystalização da Verdade atrophia-a por compressão. A Verdade, traduzida em palavras, pérde a simplicidade e a grandeza que lhe são inherentes. Ella não pôde ser percebida através da visão alheia, mas tão sómente attingida pela iluminação gradual da propria mente, sendo esta a unica que exclúe a dúvida.

**Organizações,  
regras de  
disciplina,  
ceremonial**

110.—Nenhuma organização pôde declarar-se a unica senda que conduz á Verdade, porque esta não admite limitações. Não são admissiveis limites, de qualquer natureza, para a Verdade; aliás, se não comprehendêdes a Verdade, nenhuma utilidade terá a organização de que fizêrdes parte. O que impórta é a Verdade. A vossa comprehensão, depois de evoluida para a Verdade, dispensa movimentos collectivos. Outrosim, não se deve fazer do ceremonial principio substancial; pois, a sua função é adjectiva.

Organizações, regras de disciplina, ceremonial, só sêrvem para pelar a Verdade. Tudo isso, se fôsse estabelecido por elle, a sua obra ficaria reduzida a substituir as velhas prisões por uma nova prisão ainda maior. Organizações, systemas, ritos, não são senão pontes, e jamais cousa essencial; porquanto, se taes pontes não tivêrem pilares argamassados com a comprehensão directa da Verdade, alcançada pela inducção e pela razão, de certo desabarão. Logo o proprio individuo deve

ser a ponte, desde que, para a comprehensão da Verdade, basta elle proprio com a fôrça obtida pelo seu aperfeiçoamento.

O resultado é o que impôrta, e não o método.

Deste modo, quem quizér reformar o mundo, em vez de fundar organizações para reformar os outros, deve começar pela reforma de si proprio, pois que só se aprende a conhecer a Verdade através da propria experiencia.

Herança do passsdo, o ceremonial religioso origina o preconceito de superioridade da parte de quem o observa rigorosamente sobre todos os que o fazem em parte, ou séguem ritual differente, provocando intransigencias ferozes, causa de disputas tanto mais estéreis quanto as fórmulas não são a Méta, mas os modos de attingil-a, sendo estulticie querer impôr-se um modo determinado de chegar á Verdade, em vez de deixar a cada qual escolher o caminho confôrme as suas fôrças.

111.—Jeddu Khrisnamurti estabelece por unico ceremonial a meditação em conjuncto, sem obrigação, sem quer, de comparecimento.

O ceremonial unico estabe-  
cido por  
Khrisnamurti

Dous são os seus themas substanciaes : o ideal de fraternidade e o ideal de perfectibilidade.

O ideal de fraternidade mantêm-se, exercitando a convicção de que se é parte integrante da Vida Una e de que o Amor, por essa razão, é uma condição inherente á Vida, delle se gêrando a sympathia e a caridade. A fraternidade deve ser uma finalidade da Vida. A prática da Fraternidade constitue, de si mesmo, uma ascensão.

A perfectibilidade é alcançada pela acção victoriosa das fôrças constructivas, as quaes se reduzem a uma unica—o Amor—, em lucta contra as fôrças destructivas,—sendo, destas, uma das mais damninhas, incontestavelmente, o orgulho, que se revêste de muitos aspectos, como sejam : o orgulho de raça, de casta, da posição social, da riqueza, da cultura intellectual e outros.

A fôrça constructiva contrária ao orgulho é a da solidariedade mutua, plantada fundo no coração dos homens, com a morte de todos os egocentrismos que conduzem á soberba ou á idolatria de si mesmo.

A boa obra de progresso individual exige, como materiaes, o esquecimento dos prejuizos vãos, o desprezo das honrarias, as nórmas de civilidade, a consideração para com todos, a solicitude em attender e confortar os fracos, os orphãos, as viuvras e os miseraveis da Terra, o combate á oppressão, em irradiando sympathias e espalhando beneficios em derredór.

O ideal de perfeição cultúa-se pela educação da vontade.

Esta é conseguida pelo dominio sobre as emoções e pelo refreiamto dos desejos, de que a mente é o guia ou mentor.

Impõe-se para esse escôpo, portanto, o desenvolvimento da mente, o que se obtem pelo augmento do seu poder de receptividade e de retenção, sendo o estudo, a meditação, a observação, a comparação, o discernimento, a concentração e a intuição os vehiculos que conduzem os homens á Libertação, pelo conhecimento directo da Verdade.

112.—A Nova Era, annunciada por Jeddu Khrisnamurti e cujos albôres irrompem no horizonte, é a do individualismo.

Até agóra, tudo repousava na autoridade, tendo como base o mêdo. O que vem vindo, porém, é incompativel com essa velha fórmula.

O troglodyta das éras primitivas, senhor dos ares, das profundezas dos oceanos, das vibrações do éther e dos "electrons" que germinam a Vida, já sendo conhecedor das leis da evolução, não mais suppórta imposições ao seu pensamento, proclamando o seu direito á posse de si mesmo, pelo exercicio dos poderes latentes em a natureza e em si proprio, pela apprehensão das leis que régem o Universo e pela sua identificação com a Vida Una.

A' infallibilidade e ao dogma seguir-se-ão, pois, o livre exame e a relatividade de todas as leis, de todos os principios, de todos os systemas, em face do Tempo e do Espaço.

E ao periodo de estagnação das idéas, succederá o da evolução pela intuição e pela experiencia, tornando-se a consciencia a unica autoridade.

*"Ao mestre não cabe ensinar; mas abrir o cami-*

no,—” diz o Instructor do Mundo. Os discipulos só admittirão aquillo que não póssa ser destruido pela crítica analytica do fóro intimo, dispóstos sempre a ampliar ou restringir, e mesmo substituir, por outra, a theoria cuja insubsistencia se demonstre em razão de conhecimentos nóvos.

Nada de limitações. A experiencia, obtêl-a-emos nós mesmos, com o proprio material, pelo apuro do character, pelo desenvolvimento das aptidões e pelo enobrecimento das tendencias.

A visão reflexa, incutida na mente por outrem, é sempre desnaturada. Só géra a convicção inabalavel o vislumbre da nossa mente gradualmente illuminada. Aquella é uma prisão, ao passo que este, como luz propria, é uma continua libertação e o unico santélmo capaz de nos guiar á morada do Amor e da Sabedoria, onde reina a Felicidade.

<b>A GRANDE LEI DA NATUREZA</b>			
<b>Mytho egypcio</b> (3.000 annos antes de Christo)	<b>Mysterio christão</b>	<b>Sybolos da Arte Real</b>	<b>A Grande Lei da Natureza</b> (o verdadeiro «Porque»)
<b>Osiris</b> (o Espirito Divino)	<b>Espirito-Santo</b> (o Espirito que vivifica)	<b>Fôrça</b>	<b>Fôrça</b> (ou o Espirito que anima)
<b>Isis</b> (a Mãe Natureza sempre Virgem)	<b>Padre</b> (o Pæe e Creator de todas as cou- sas, tirado do Judaismo)	<b>Sabedoria</b>	<b>Materia</b> (ou a substancia de todos os sêres)
<b>Horus</b> (o Filho uno com Osiris)	<b>Filho</b> (Jesus-Christo, Homem-Deus, uno com o pæe, o qual disse : Eu sou a Vida !)	<b>Belleza</b> (Ordem, Harmonia e Equilibrio)	<b>Vida</b> (ou o fructo im- mediato do con- juncto acima — fôrça e mate- ria —, e esse mes- mo conjuncto)
	<b>Obs. — Tudo é fôrça, tudo é materia, tudo é vida, — cousas co-existentes e inseparaveis uma da outra.</b>		



INDICE



## INDICE D'A VIDA

### I.—O INVISIVEL TORNA-SE PALPAVEL

	<i>Pags.</i>
1.—Céllulas vitaes .....	7
2.—Céllulas do sangue .....	8
3.—Céllulas nervosas .....	—
4.—Céllulas dos músculos .....	—
5.—Outras céllulas .....	—
6.—Céllulas dos vegetaes .....	9
7.—A vida dos mineraes .....	—
8.—As pérolas .....	—
9.—Os crystaes .....	—
10.—As minas .....	—
11.—Os objectos de metal .....	—
12.—As machinas de costura .....	—
13.—As navalhas de barba .....	—
14.—Os fios electricos .....	10
15.—Os trilhos de estradas de ferro .....	—
16.—Os metaes em geral .....	—
17.—O systema nervoso dos tres reinos .....	—
18.—A vida mollecular nos tres reinos .....	—
19.—Os estados da materia são uma illusão ....	—
20.—Desdobramento das céllulas vitaes .....	12
21.—O éther, quarto estado da materia .....	13
22.—Os “electrons” .....	—
23.—As vibrações do ar e do éther: o som e a luz	—
24.—A materia radiante .....	—
25.—Raios de Roentgen.—Ondas de Hertz .....	14
26.—Fim de Kali-Yuga .....	—
27.—As invenções:—O “radium” e as suas pro- priedades paradoxaes .....	—
28.—O “helium” .....	16
29.—O “thorium” e o “argon” .....	—

	<i>Pags.</i>
30.—O desenvolvimento das faculdades do homem .....	17
31.—O “ectoplasma” .....	—
32.—Moldagem dos “ectoplasmas” em parafina .....	—
33.—Transporte de objectos pelo ar .....	—
34.—A energia dos “ectoplasmas” .....	—
35.—Experiencias na claridade .....	—
36.—Authenticidade das experiencias .....	—
37.—Apreciação dos phenomenos “ectoplasmicos” .....	—
38.—O invisível torna-se palpavel .....	18
39.—A fé substituida pela sciencia .....	—
40.—Senão a certeza, hypótheses mais solidas .....	—

## II.—A FORMAÇÃO DOS MUNDOS

41.—O infinito .....	19
42.—Formação das nebulosas .....	—
43.—O nosso systema solar .....	20
44.—A Terra e a sua formação .....	—
45.—A crósta da Terra .....	21
46.—A massa ignea e o nucleo gazoso central ..	—
47.—As erupções vulcanicas .....	—
48.—Cataclysmas cósmicos.—Terremótos e mare- mótos .....	22
49.—Antiguidade da Terra .....	—
50.—O mais alto cimo.—A maior profundidade..	—
51.—Animaes antediluvianos .....	—
52.—Immersão e emersão de terras.—A Atlan- tida .....	23
53.—Torres redondas da Irlanda .....	24
54.—Ruinas do Mexico e da America Central ..	—
55.—O paiz das ossadas .....	—
56.—O caminho por terra entre a Noruega e as Ilhas Britannicas .....	—
57.—O mar do Sahara .....	—
58.—O apparecimento do homem .....	25
59.—Excavações no lugar onde foi Babylonia ..	—
60.—Dez mil annos de civilização.—Nippur ....	—
61.—A morte da Terra .....	—
62.—A Lua .....	—
63.—A athmosphéra da Lua .....	—
64.—O que se vê na Lua .....	26
65.—O Circo de Platão .....	—

	<i>Pags.</i>
66.—Habitabilidade dos astros .....	26
67.—Temperaturas extremas .....	27
68.—Possibilidade da vida animal .....	—
69.—A fôrma resulta da necessidade .....	—
70.—Habitabilidade de Marte .....	—
71.—Venus e a sua habitabilidade .....	28
72.—A natureza é uma só .....	—

### III.—A CONQUISTA DO ETHER

73.—Os “electrons” e a sua dissociação do corpo physico .....	29
74.—Tendencia da materia para a dissociação .....	—
75.—Subtileza das particulas da materia .....	—
76.—Os bilhões,—unidades na arithmetica da eternidade .....	—
77.—A fôrça do éther .....	30
78.—Sobrevivencia da luz de uma estrella á propria estrella .....	—
79.—Materia-espírito .....	31
80.—A vida una .....	—
81.—Células-ôvo .....	—
82.—Os descortinadores da visão do éther .....	32
83.—Ether,—essencia universal,— e seus prova-veis estados successivos de subtileza .....	—
84.—A cadeia ininterrupta dos élos da natureza .....	—
85.—O rythmo e a fôrma .....	33
86.—O phenomeno magnetico das agulhas imantadas .....	—

### IV.—O CAMINHO DA FELICIDADE

87.—O phenomeno da consciencia .....	35
88.—Relatividade da mente .....	—
89.—O remedio para a relatividade da mente ..	36
90.—O soffrimento,—factor de progresso .....	—
91.—O caminho da felicidade .....	—
92.— <b>MAXIMAS SOBRE O TRABALHO.</b> ..	39
93.— <b>A PERFEITA CONDUCTA</b> .....	41

### V.—DE VYASA A KRISNAMURTI

94.—As grandes religiões e os grandes instructores .....	43
95.—Vyasa .....	—

	<i>Pags.</i>
96.—Thot .....	43
97.—Zarathustra (Zoroastro) .....	44
98.—Orpheu .....	—
99.—Buddha .....	—
100.—Jesus Christo .....	—
101.—Jeddu Khrisnamurti .....	—
102.—Identidade dos diversos mythos .....	45
103.—A moral de todas as religiões é identica ..	47
104.—Vinda de Jeddu Khrisnamurti .....	—
105.—Primeira prédica de Jeddu Khrisnamurti ..	—
106.—A personalidade de Jeddu Khrisnamurti ..	48
107.—Ensinamentos de Jeddu Khrisnamurti ....	—
108.—A obra de Jeddu Khrisnamurti: o novo typo de homem .....	49
109.—A Verdade .....	50
110.—Organizações, regras disciplinares, ceremo- nial .....	—
111.—O ceremonial unico estabelecido por Jeddu Khrisnamurti .....	51
112.—A NOVA ERA .....	52
113.— <b>A GRANDE LEI DA NATUREZA</b> ...	55



1806  
Coup



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA